

Brasil participará de estudos para tratar câncer cerebral em crianças

Hospital em São Paulo passa a fazer parte de consórcio internacional que busca desenvolver novas terapias para jovens com meduloblastoma

Por [Larissa Beani](#)

10 nov 2025, 15h31 • Atualizado em 10 nov 2025, 16h39



Einstein Hospital Israelita assina acordo para trazer tratamento experimentais para câncer infantil no Brasil (kues1/freepik)

Há 10 anos, o empresário Fernando Goldsztein recebeu uma difícil notícia dos médicos: seu filho, Frederico, então com nove anos, tinha um **câncer cerebral**.

Doença rara, o **meduloblastoma** é um tumor maligno que atinge o sistema nervoso central e causa sintomas como fortes **dores de cabeça**, desequilíbrio, **tontura**, náuseas e vômitos. Os desafios vão do diagnóstico ao tratamento, cujas opções ainda são limitadas.

A família foi aos Estados Unidos em busca de **terapias experimentais**. Há uma década, Frederico tem manejado a doença com sucesso, enquanto Fernando trabalha para que mais pacientes tenham acesso a tratamentos de ponta.

Em 2021, o empresário criou o consórcio **The Medulloblastoma Initiative (MBI)**, que reúne cientistas do mundo todo com o objetivo de **angariar recursos para ensaios clínicos de novas terapias contra o meduloblastoma**.

Desde então, a iniciativa já arrecadou US\$ 11 milhões e teve duas pesquisas aprovadas pela FDA, o órgão que regula medicamentos nos EUA. São 16 laboratórios e hospitais integrados à missão no mundo todo.

“Nos Estados Unidos, os médicos disseram que não havia nada a ser feito no caso de Frederico, mas eu encontrei quem acreditasse que deveríamos investir em estudos clínicos para tratamentos inovadores contra o meduloblastoma”, conta Fernando Goldsztein. “Mais de 100 famílias já entraram em contato e foram impactadas pelo projeto.”

+ Leia também: [Pai lidera missão científica pela cura do câncer do filho](#)

Em boa companhia

Nessa caminhada, o principal parceiro científico tem sido o oncologista pediátrico Roger Packer, diretor do Instituto Gilbert de Neurofibromatose e do Instituto de Tumores Cerebrais do Hospital Nacional das Crianças, em Washington, nos EUA.

Packer é o criador do protocolo de tratamento do meduloblastoma e um dos maiores especialistas em cânceres cerebrais e infantis do mundo. Ele **já orientou de grandes médicos brasileiros**, como **Sidnei Epelman**, fundador da Associação para Crianças e Adolescentes com Câncer (Tucca) e oncologista pediátrico da Oncoclínicas.

“Hoje, até 80% das crianças diagnosticadas com meduloblastoma são curadas com os medicamentos disponíveis. No entanto, para aquelas que resistem às terapias e cujo tumor volta a crescer, as opções são limitadas e precisamos estudar novas alternativas”, afirma o médico americano.

Na última semana, Fernando e Packer se encontraram no Brasil para **firmar o primeiro acordo do consórcio com uma instituição nacional**. O **Einstein Hospital Israelita** assinou um memorando de entendimentos com a MBI na última quarta-feira (5).

O documento prevê **colaborações científicas, compartilhamento de conhecimentos e participação prioritária em futuros ensaios clínicos** desenvolvidos pelo consórcio. Assim, o hospital se torna uma “instituição amiga” da organização sem fins lucrativos.

“Graças aos esforços de Fernando e seus colegas, poderemos oferecer aos pacientes brasileiros a oportunidade de **ter acesso a tratamentos experimentais dentro de estudos clínicos**”, agradece Luiz Vicente Rizzo, imunologista e diretor de pesquisa do Einstein Hospital Israelita. “Uniremos a nossa expertise com a de instituições de diferentes países e realidades”.



Da esquerda para a direita: Luiz Vicente Rizzo, diretor de pesquisa do Einstein Hospital Israelita; Fernando Goldsztein, fundador da Meduloblastoma Initiative (MBI); Sidney Klajner, presidente do Einstein Hospital Israelita; Roger Packer, diretor científico do MBI e vice-presidente sênior do Center for Neurosciences and Behavioral Medicine do Children's National Hospital em Washington; Fernando Bacal, vice-presidente do Einstein Hospital Israelita (Einstein Hospital Israelita/Divulgação)

+ Leia também: [Sidnei Epelman: “É um privilégio poder curar uma criança com câncer”](#)

O futuro do tratamento

As principais apostas para o futuro do tratamento de casos de **recidiva do meduloblastoma** são as **imunoterapias**.

“O verdadeiro avanço visto em laboratórios — e, agora, em humanos — é o de **despertar o próprio sistema imunológico contra o tumor** — o que levou à aprovação em tempo recorde de dois ensaios clínicos pelo MBI”, explica Packer.

Em média, demora-se de 7 a 10 anos para receber aprovação de um estudo como esse, mas, com a mobilização e a expertise que o consórcio reuniu, o aval chegou seis meses após a criação da iniciativa.

“Procuramos juntar pessoas de todo o país [EUA] com diferentes abordagens e pedimos que não sejam competitivas, mas sim sinérgicas, e assim, aproveitamos as melhores ideias e as desenvolvemos. **Isso é pesquisa clínica**”, ressalta o oncologista. “E agora um hospital brasileiro faz parte da rede e pode também contribuir com sua experiência e excelência nesse campo.”

Não há previsão de quando os ensaios clínicos começarão no país, mas entre as abordagens com potencial para serem testadas estão uma **vacina de RNA personalizada** para pacientes com a doença e o uso de **células imunes modificadas, chamadas CAR-T**.

“A vacina não é como as que estamos habituados a lidar, que previnem uma certa doença”, esclarece Fernando. “São medicamentos para quem já tem a doença e estimulam o sistema imunológico a reconhecer uma das proteínas presentes no tumor”.

Já as **células CAR-T** são células do sistema imune reprogramadas em laboratório e devolvidas ao paciente para que também persigam e destruam as células tumorais. A tecnologia já é bastante utilizada para o tratamento de cânceres sanguíneos, como **leucemias** e **linfomas**, e agora começa a ser explorada para tumores sólidos.

“São tecidos que as células T não costumam atacar, então, há mais desafios em direcionar o trabalho desses agentes para locais como o cérebro — além de que devemos ficar atentos aos efeitos adversos que o tratamento pode causar”, pondera Packer.

Com esforços de equipes em todo mundo, os familiares e especialistas esperam dar, em breve, boas notícias às crianças e aos adolescentes que enfrentam o retorno da doença.